

**CRISTIANE MATTOS LOPES  
KARLA GUIDONI FELIZARDO  
TACYLA GARCIA RANHEL**

**O DISCURSO DA AUTO-AJUDA NA ACADEMIA BRASILEIRA DE  
LETRAS: UM ESTUDO SOBRE PAULO COELHO**

Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura, apresentado ao curso de Letras do Centro Universitário de Franca - Uni-Facef -, para obtenção do título de licenciatura.

Orientação: *Prof<sup>a</sup>. Dra. Sheila Fernandes Pimenta e Oliveira.*

**FRANCA  
2008**

**CRISTIANE MATTOS LOPES  
KARLA GUIDONI FELIZARDO  
TACYLA GARCIA RANHEL**

**O DISCURSO DA AUTO-AJUDA NA ACADEMIA BRASILEIRA DE  
LETRAS: UM ESTUDO SOBRE PAULO COELHO**

Franca, 07 de novembro de 2008.

Orientador (a): \_\_\_\_\_

Nome: Sheila Fernandes Pimenta e Oliveira.

Instituição: Centro Universitário de Franca Uni-Facef.

Examinador (a): \_\_\_\_\_

Nome: Márcia Helena Venâncio Faleiros.

Instituição: Centro Universitário de Franca Uni-Facef.

Primeiramente dedico este trabalho a Deus, que me deu forças e iluminou meu caminho; à minha mãe, Renata e aos meus avós Lourdes e Renato, que me apoiaram em todos os momentos da minha vida; à Sandra, Martinho, Roberta, Juliana e Letícia que mesmo separados pela distância, estiveram presentes em minha formação; aos meus amigos de sala, Eliana, Juliano e Rita, que estiveram comigo durante esses três anos de faculdade. Aos meus amigos Daniel, Israel e Vinícius, que me acompanharam nesta jornada e às minhas companheiras de TCC, Karla e Tacyla, pelo amadurecimento acadêmico que tivemos juntas na realização deste trabalho.

Cristiane Mattos Lopes.

Dedico em primeiro lugar a meus pais, Carlos e Rosângela, que me ensinaram o valor de um sonho e me deram apoio e estrutura para buscá-lo; a meus irmãos Alessandro e Thiago, que sempre estiveram ao meu lado em todas as etapas da minha vida; às minhas amigas Flávia, Jacqueline, Paloma e Rafaela que me mostraram através de sinceridade, lealdade e amor o verdadeiro sentido da amizade; aos mestres que cruzei durante minha vida acadêmica, que me fizeram apaixonada pelas palavras, a meus colegas de faculdade, Camila, Eliana, Jacqueline, Juliano e Rita, que tornaram esses três anos mais divertidos, às minhas companheiras de TCC, Cristiane e Tacyla, pelas trocas de conhecimento, pelo trabalho e pelas reuniões tão gostosas e à nossa orientadora, Sheila, que sempre nos incentivou, ajudou e principalmente nos mostrou o verdadeiro papel do educador.

Karla Guidoni Felizardo.

Dedico este trabalho primeiramente à minha família: Adriano, Leila e Tamires, que me acompanharam e me incentivaram nos momentos mais complicados na realização deste trabalho, naquele momento que pensei em desistir de tudo; ao meu namorado, Fernando, que, junto comigo, acabou aprendendo Bakhtin ao ajudar na pesquisa; às minhas amigas Carolina e Débora, que agüentaram todo meu cansaço e por último à Cristiane e Karla, por completarem meu conhecimento e por todos os momentos que passamos juntas.

Tacyla Garcia Ranhel

## **AGRADECIMENTOS**

Agradecemos:

- Em primeiro lugar, a Deus, por nos ter guiado e iluminado em cada decisão a ser tomada;
- à nossa orientadora prof<sup>ª</sup>. Dra. Sheila Pimenta Fernandes e Oliveira, que com toda paciência e dedicação nos acompanhou nessa caminhada;
- à prof<sup>ª</sup>. Dra. Ana Lúcia Furquim Toscano, pela ajuda e compreensão e
- às nossas famílias, que foram as bases de toda nossa formação.

*E aquele alquimista nada a ver, viagens no diário de um mago, mais falso que o Menudo.*

Fabiano Cambota – Pedra Letícia

## RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar o discurso de auto-ajuda nas obras de Paulo Coelho. Partimos do pressuposto de que as obras do autor têm uma narrativa ficcional que ocultam, em suas entrelinhas, o discurso de auto-ajuda. Com enredos baseados na busca da felicidade, na mudança de vida e nas situações pré-destinadas a cada indivíduo, Paulo Coelho consegue atingir um variado e numeroso grupo de leitores, razão esta que o torna reconhecido mundialmente, e autor de *best-sellers*. Temos como pressuposição que a grande quantidade de livros vendidos, tanto no Brasil quanto no exterior, ajudou o autor a se tornar membro da *Academia Brasileira de Letras*. Esta pesquisa mostra de que forma Paulo Coelho utilizou e ainda utiliza o discurso de auto-ajuda a seu favor. Para isso, analisamos quatro títulos de sua coletânea bibliográfica, o primeiro e o último publicados, o primeiro livro antes do seu ingresso *Academia Brasileira de Letras*, e outro livro publicado após seu ingresso na fundação: *O diário de um mago*, *O Alquimista*, *Onze Minutos* e *A Bruxa de Portobello*. Como embasamento teórico para a análise das obras citadas, recorreremos aos pressupostos bakhtinianos sobre: discurso, interdiscurso, intradiscurso, enunciado e enunciação e cronotopo. Com isso, tivemos o intuito de expor as características do gênero auto-ajuda em cada obra, constatando que elementos desse discurso promovem o autor às primeiras colocações nas listas dos mais vendidos.

**PALAVRAS-CHAVES:** estudos de discurso; Paulo Coelho; Academia Brasileira de Letras; discurso da auto-ajuda.



## ABSTRACT

This research has the objective to analyze the self help speech on the books of Paulo Coelho. We came from the presupposed that the books of this author have a fictional narrative that occult in his conclusion the speech of self helps. With stories based on the pursuit of happiness, in the life change and in the situations pre-destined to each individual, Paulo Coelho can achieve a varied and numerous group of lecturers, these reason makes him recognize world wide, and author of best-sellers. We have a presupposition that the large quantity of books sold, either regarding Brazil or others countries, helped the author to become member of Brazilian Academy of Letters. This research shows the way that Paulo Coelho used and still using the speech of self help in his favor. We review four titles of his bibliographic, the first and the last books published, the first book before his entrance in the Brazilian Academy of Letters, and another book published after his entrance in the foundation: *O Diário de um Mago*, *O Alquimista*, *Onze Minutos e A Bruxa de Portobello*. As theoretical basement to analysis cit books, we resort to the presupposed bakhtinianos about: speech, inter speech, intra speech, articulated and enunciation and chronoscope. With that, we had the order of expose the characteristics of the class of self help in each book, contacting that the elements of this speech promote the author to first placements on the lists of the most sold.

**KEY-WORDS:** speech studies; Paulo Coelho; Brazilian Academy of Letters; self help speech.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	11
<b>1 PAULO COELHO</b> .....	13
<b>2 ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS</b> .....	17
<b>3 PAULO COELHO E A ABL</b> .....	18
3.1 ANÁLISE DO DISCURSO DE POSSE.....	19
<b>4 O DISCURSO DA AUTO-AJUDA</b> .....	23
4.1 CONTEXTO HISTÓRICO.....	23
4.2 PÚBLICO-ALVO.....	25
4.3 CARACTERÍSTICAS.....	25
<b>5 PERSPECTIVA TEÓRICA</b> .....	27
<b>6 ANÁLISES DAS OBRAS</b> .....	31
6.1 <i>O DIÁRIO DE UM MAGO</i> E O DISCURSO DA AUTO-AJUDA.....	31
6.3 <i>O ALQUIMISTA</i> E O DISCURSO DA AUTO-AJUDA.....	34
6.3 <i>ONZE MINUTOS</i> E O DISCURSO DA AUTO-AJUDA.....	37
6.3 <i>A BRUXA DE PORTOBELLO</i> E O DISCURSO DA AUTO-AJUDA.....	42
<b>CONCLUSÃO</b> .....	46
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	48

## INTRODUÇÃO

*Leva tempo para alguém ser bem-sucedido porque o êxito não é mais do que a recompensa natural pelo tempo gasto em fazer direito.*

Joseph Ross.

Nosso interesse, nesta pesquisa, é compreender a causa do sucesso de vendas dos livros escritos por Paulo Coelho e seu reconhecimento pela *Academia Brasileira de Letras*.

A questão de o autor ser membro da *Academia Brasileira de Letras* também nos motivou a desenvolver esta pesquisa. Tendo como fundadores e membros escritores renomados, conhecidos mundialmente e com obras literárias consagradas e atemporais, como Machado de Assis, Olavo Bilac, Visconde de Taunay entre outros, tentamos entender a presença de um autor de *best-sellers* de livros predominantemente de auto-ajuda, ocupando uma de suas cadeiras.

No trabalho, partimos da hipótese de que os textos de Paulo Coelho se constituem também por discurso de auto-ajuda. As características comuns desse discurso (a busca por algo pré-destinado, o incentivo à mudança, a valorização do indivíduo, a busca do sentido da vida) estão presentes nas obras que analisamos, de uma forma sutil, intercalada com uma narrativa de aventuras, sonhos e realizações, que, muitas vezes, confundem o leitor entre o real e o ficcional e apresenta, vagarosamente, a reflexão sobre as questões existenciais que acercam a sociedade atual. Observa-se que esse diálogo tem apresentado sucesso, dados os números de vendas.

Essas inquietações promoveram uma busca de respostas que são organizadas em nossa pesquisa, a chegar à confirmação das hipóteses levantadas.

Primeiramente, abordamos a biografia do autor, uma pesquisa sobre a *Academia Brasileira de Letras*, um breve histórico da literatura de auto-ajuda, e uma fundamentação teórica sobre discurso, em perspectiva bakhtiniana, considerando que o discurso é social e, a linguagem, o meio para atingir determinado público. Por fim, analisamos quatro obras de Paulo Coelho: *O Diário de um Mago*, *O Alquimista*, *Onze Minutos* e *A Bruxa de Portobello*, com o objetivo de analisá-las por meio das teorias já ditas.

Nossa pesquisa não teve como objetivo criticar o estilo de Paulo Coelho e seus textos. Os livros analisados e as teorias abordadas tiveram como objetivo trazer elementos que contribuíssem para o entendimento de três questões principais: Paulo Coelho escreve que tipo de literatura? Suas obras contribuíram para seu ingresso na *Academia Brasileira de Letras* de qual forma? Ele deve ser realmente considerado um imortal dessa Academia?

Para responder aos questionamentos decorrentes desta pesquisa, utilizamos um recurso metodológico que quer evidenciar o processo de construção do conhecimento. Unindo a teoria com a análise, buscando argumentos, discutindo contextos; nosso objetivo é deixar evidente o caminho que percorremos para escrever nossa pesquisa, por meio da qual é possível refletir sobre o fenômeno de vendas Paulo Coelho como escritor de livros de auto-ajuda e membro da *Academia Brasileira de Letras*.

## 1 PAULO COELHO

Em agosto de 1947, na cidade do Rio de Janeiro, nasce Paulo Coelho, filho de Pedro Queima Coelho de Souza e Lygia Araripe Coelho. Juntos formavam uma família de classe média. Desde criança, Paulo Coelho se interessava pela escrita, mesmo com a discordância e falta de apoio dos pais. Ainda com formação em colégio jesuíta, apresentava aversão às aulas de religião. Porém, foi neste ambiente escolar que ganhou seu primeiro prêmio literário, ao vencer um concurso de poesias no colégio.

O desejo de sua família em vê-lo formado como um conceituado engenheiro desaprovava a iniciante carreira artística de Paulo Coelho, o que ressaltou os momentos de revolta e perturbação vividas pelo escritor. A infância e a juventude do futuro escritor Paulo Coelho não foram fáceis, mas ricos em experiências muito diversas, às vezes, extremas e cruéis. Fora uma criança e um jovem rebelde, ávido por todas as experiências, filho fiel de 68, a época das aventuras e das loucuras, sempre buscando algo que o preenchesse emocionalmente, sem se deixar dominar pelas convenções familiares ou sociais (ARIAS, 1999). A família passou a enxergar esse comportamento como sintoma de alguma doença mental e, aos dezessete anos de idade, internaram o filho por três vezes.

*Internaram-me três vezes, porque eu sempre fugia [...]. O atestado médico diz que eu era irritadiço, que hostilizava as pessoas politicamente, que vinha piorando na escola progressivamente, que minha mãe achava que eu tinha problemas sexuais, que não tinha amadurecido o suficiente para minha idade [...]* (COELHO apud ARIAS, 1999, p. 44).

Após esses momentos, o autor começou a cursar faculdade de Direito, mas logo abandonou os estudos e começou a se dedicar ao teatro e ao jornalismo.

Em 1970, a onda *hippie* traz ao Brasil novas tendências, como usar cabelo comprido, andar sem identidade, desafiar as autoridades e usar drogas excessivamente. De acordo com o dicionário Barsa a palavra *hippie* significa: “diz-se ou de adepto de uma moral e costumes não conformistas, baseados na não violência e na **oposição à sociedade de consumo** e aos valores tradicionais, preconizando a liberdade em todos os domínios”. Foi neste cenário que o autor conhece Raul Seixas, e, juntos compuseram sessenta e cinco sucessos, entre eles, *Al Capone* e *Eu Nasci há Dez Mil Anos Atrás*, revolucionando o rock

brasileiro. Essas composições fizeram os autores ganharem bastante dinheiro, o que entra em contradição com o estilo de vida que os mesmos viviam.

*[...] Pela primeira vez na vida fiquei rico do dia pra noite. (grifo nosso) Fui ao banco ver quanto dinheiro tinha na conta e achei um depósito de quase quarenta mil dólares. Eu que não tinha grana para ir ao cinema ou a um restaurante. No dia seguinte tinha quarenta mil dólares. Uma loucura! A primeira coisa que pensei foi comprar um carro de corrida, mas acabei comprando um apartamento (COELHO apud ARIAS, 1999, p.54).*

Nesta mesma época, Paulo Coelho e Raul Seixas ingressaram na Sociedade Alternativa, onde pregaram a oposição ao capitalismo, defendendo a liberdade e a prática da magia negra.

Assim, neste período de intensa ditadura militar, Coelho e Seixas foram considerados uma ameaça à sociedade e acabaram presos. Logo, o cantor foi libertado, mas o autor permaneceu detido pelo fato de ser considerado o líder das idéias. Em uma entrevista cedida a Juan Arias, já citado anteriormente, Paulo Coelho fala sobre a experiência do cárcere e o modo como isso aconteceu.

*[...] na realidade estive preso seis vezes, três no manicômio e três na prisão. [...] a prisão foi mil vezes pior. Foi a pior experiência da minha vida, porque além do que passei lá, quando sai, era visto como um leproso. Todo mundo falava: não se aproxima dele, ele foi preso, deve ter alguma razão para isso (ARIAS, 1999, p.55).*

Aos vinte anos, Paulo Coelho já se encontrava livre da prisão, decidindo tornar-se o que a sociedade nomeia “normal”. Começou a trabalhar em uma editora discográfica e logo conheceu sua primeira mulher.

Em 1982, o autor lançou seu primeiro livro, *Arquivos do Inferno*, não tendo a repercussão desejada. Então, em 1986, em parceria com Nelson Liano Júnior, publicou *O Manual Prático do Vampirismo* que por suas próprias palavras: O mito é interessante, o livro é péssimo. Abaixo, um trecho retirado da segunda obra citada:

*Qualquer relação sexual é altamente sangüínea, ou seja, tem íntima relação com a presença e função do sangue no organismo. Nos seres humanos normais, os dois centros principais relacionados com a função sexual são os órgãos sexuais e o coração (por sua relação com o sentimento e o sangue). Já nos vampiros a relação sexual é muito mais centrada no estômago e no cérebro. Um vampiro nunca perde a cabeça numa relação sexual e seu objetivo é sempre encher o estômago de sangue. Os órgãos sexuais do vampiro numa relação sexual são secundários. E ele pode até esquecer deles. Por isso, um dos sintomas de que o parceiro sexual é um vampiro é a ausência de movimento na pélvis [...] (COELHO; LIANO, 1986, p. 15).*

No ano seguinte, Paulo Coelho fez a peregrinação pelo caminho de Santiago, no qual percorreu quase setecentos quilômetros entre a França e a cidade de Santiago de Compostela. Essa caminhada resultou na criação de *O Diário de um Mago* e *O Alquimista*, que mais tarde vieram a ser *best-sellers*, partindo da vendagem de aproximadamente vinte e seis milhões de cópias das duas obras referidas (ISTOÉ, 2000). Estes acontecimentos fizeram surgir um dos maiores vendedores de livros, que divulgados boca a boca entram na contramão do que acreditavam os escritores e críticos literários do momento. O *hippie* morreu e Paulo Coelho renasce como centro de polêmica. Afinal, o autor escreve livros de ficção ou auto-ajuda?

Para cada crítico, escritor ou até mesmo leitor de Paulo Coelho, o autor é considerado a partir de um gênero, visto que sua escrita é para um público que procura algo para confortar e adentrar o coração. Dessa maneira, alguns críticos e escritores falaram sobre Paulo Coelho e sua forma de escrever, em entrevista à revista *Língua Portuguesa* com data de agosto de 2006. O primeiro deles é Antônio Gonçalves Filho, jornalista e repórter especial do Caderno 2 do jornal *O Estado de São Paulo*, tendo atuado nos cadernos culturais de alguns dos principais jornais brasileiros, como *Folha de São Paulo* e *Valor Econômico*, com mais de seis mil entrevistas e artigos sobre arte e cultura publicados até 2008. Foi também criador de importantes mostras de artes visuais e consultor em exposições.

*Paulo Coelho é um ótimo narrador cujo sucesso se deve mais à capacidade de suprir necessidades de um leitor que busca mensagens positivas para a vida do que à produção de alta literatura.*

Antônio Gonçalves Filho, crítico de arte.

De acordo com Antônio Gonçalves Filho, Paulo Coelho não escreve uma obra, considerada tradicionalmente como clássica, uma vez que seus livros possuem público alvo pré-determinado que se enquadre dentro da narrativa do autor.

O segundo comentário é de Susana Kampff Lages, destaque nos estudos lingüísticos e literários. É Bacharel em Letras (Tradutor Intérprete Inglês e Alemão) pela *Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul* (1983), mestre em Letras (Literaturas da Língua Portuguesa) pela *Universidade Federal do Rio Grande do Sul* (1990) e doutora em Comunicação e Semiótica (Literatura) pela *Pontifícia Universidade Católica de São Paulo* (1996). Atualmente, é professora Adjunto 1 da *Universidade Federal Fluminense*. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Teoria Literária, Literatura Alemã e Literatura

Comparada, interessando-se principalmente pelos seguintes temas: tradução, literatura alemã e brasileira e pela obra dos escritores Franz Kafka, Walter Benjamin, Paul Celan e João Guimarães Rosa. Publicou os livros *Walter Benjamin. Tradução e Melancolia*, pelo qual recebeu em 2003 o Prêmio Jabuti, e *João Guimarães Rosa e a Saudade*.

*A literatura traz questionamentos. Não traz respostas, não é apaziguadora, ao contrário, produz novas perguntas. Aí Paulo Coelho não se enquadra, pois pretende solucionar questões com auto-ajuda.*

Susana Kampff Lages da Universidade Federal Fluminense (UFF)

A teórica Susana Kampff usa a mesma linha de raciocínio de Antônio Gonçalves Filho, reafirmando que Paulo Coelho não produz literatura clássica, visto que propõe respostas ao invés de questionamentos, uma das principais características do gênero da auto-ajuda. Em outras palavras, a literatura “coelhana” é aplicável a um determinado momento, fazendo com que o leitor recorra a essa leitura no momento que precisar.

E o último dos comentadores de Paulo Coelho é o escritor Ziraldo Alves Pinto, que iniciou sua carreira nos anos 50 em jornais e revistas de expressão, como *Jornal do Brasil*, *O Cruzeiro*, *Folha de Minas*, entre outras. É também pintor, cartunista, teatrólogo e chargista. Já ganhou o *Oscar Internacional do Humor* no 32º *Salão Internacional de Caricaturas de Bruxelas*, prêmio máximo da imprensa livre da América Latina.

*Pode-se fazer um grande romance escrevendo feio. Paulo Coelho escreve mal feito aos poucos, mas é um narrador extraordinário.*

Ziraldo Alves Pinto.

Já pelo ponto de vista de Ziraldo Alves Pinto, podemos concluir que Paulo Coelho é um autor de narrativas e não um literato, já que em seus textos não aparecem técnicas de estruturas literárias, como o aprofundamento psicológico das personagens.

Partindo das críticas anteriores e da formação e renome de seus respectivos críticos, observamos que há um senso comum entre os mesmos, tendo em vista que conceituam Paulo Coelho como um bom narrador, mas que não atinge uma profundidade necessária para instigar o seu leitor. As obras de Paulo Coelho são destinadas a um determinado público e se esse público não for modificado, o objetivo principal não será por completo atingido.

Outra característica relevante é o vocabulário simplório que o autor faz uso, desprovido de torneios verbais e sem as virtudes estéticas da língua.



## 2 ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS

A criação de academias é uma prática antiga. A primeira delas que se tem registro era localizada próxima a Atenas e foi consagrado a **Academus**, herói ateniense na *Guerra de Tróia*, no ano de 387 a.C., e também era o local onde Platão fundou sua escola. Tinha como principais objetivos sessões de pesquisas, manifestações artísticas e culturais, reunião de conhecimentos ligados à astronomia, matemática ou cultura política.

As características desta academia eram: academias nacionais e particulares com várias sessões empenhadas em diversos tipos de pesquisa, algumas de caráter geral, outras exclusivamente literárias; academias nacionais, oficiais, subvencionadas ou patrocinadas pelo poder público; número limitado de membros variando conforme o país, eleitos ou nomeados ou reconhecidos de membros, variando conforme serviços distintos; a principal atividade é a compilação de dicionários e gramáticas, edição de textos e atribuição de prêmios (BARSA, 1995).

A partir de 1582, através do movimento renascentista o hábito de reuniões associadas à literatura, espalhou-se, sobretudo nos países latinos. No Brasil, entre séculos XVII e XVIII, principalmente no século XVIII, com o verdadeiro movimento academicista, o fato mais importante da vida cultural na época colonial era a de expressão do espírito e do estilo na literatura barroca. A literatura no Brasil vinha tendo manifestação através de figuras isoladas, mas, a partir de 1724, orienta-se para o trabalho coletivo.

A ABL<sup>1</sup> foi fundada em 1896, na cidade do Rio de Janeiro, à imagem da academia francesa, por um grupo de escritores de grande projeção, sendo o fundador Lúcio Mendonça e Medeiros e Albuquerque. Composta por quarenta membros efetivos e perpétuos dos quais vinte e cinco pelo menos residentes no Rio de Janeiro e de vinte membros correspondentes estrangeiros, com consagração de obras literárias ou serviços valiosos à coletividade. Teve como primeiro presidente Machado de Assis e seus fundadores Coelho Neto, Aluizio de Azevedo, Rui Barbosa, Olavo Bilac, Graça Aranha, entre outros. E, como patronos, têm Álvares de Azevedo, Casimiro de Abreu, Castro Alves, Gregório de Matos, Raul Pompéia, dentre outros.

---

<sup>1</sup> Nesse trabalho, usamos a abreviação ABL para dizer *Associação Brasileira de Letras*. Enfocamos, assim, os trabalhos de literatura.

### 3 PAULO COELHO E A ABL

Em 25 de julho de 2002, Paulo Coelho tornou-se membro imortal da *Academia Brasileira de Letras* com a posse da cadeira de número 21, antes ocupada pelo diplomata, economista, acadêmico, ex-embaixador, ex-ministro, ex-senador e ex-deputado Roberto Campo, falecido em 9 de outubro de 2001, que tem como patrono Joaquim Serra e fundador José do Patrocínio.

Paulo Coelho disputou a cadeira com Hélio Jaguaribe de Mattos, Waldemar Cláudio dos Santos, Paulo Hirano, Felisbela da Silva, Amil Alves, Cármine Antônio Savino Filho, Julião Romão da Silva, e as senhoras Laurita Mourão, Marylena Salazar e o senhor Otávio Mamede Júnior.

Para tornar-se um imortal da Academia, não basta ser somente um grande escritor, precisa mais que isso: é necessário ter algum grau de importância em sua área de atuação. Quando morre um membro, inicia-se o processo de inscrição e candidatura dos interessados: visitas regulares e participação de lançamentos de livros, palestras, congressos oferecidos pela Academia, cartas, telefonemas, além de livros e currículos são enviados aos já membros da casa, além de visitas frequentes.

Assim como os outros interessados Paulo Coelho manifestou seu interesse pela Academia: fez palestras e lançou livros em sua sede, recebeu para visitas e jantares os membros da casa etc. A idéia de sua candidatura vem desde a morte de Jorge Amado, mas desistiu com a decisão de Zélia Gattai pleitear a vaga do esposo.

Para ser eleito na ABL, é necessário ter 50% mais um dos votos dos já membros. Entre todos os candidatos, o favorito a competir com Paulo Coelho era o sociólogo e cientista político Hélio Jaguaribe, que possui mais de 40 obras publicadas, lecionou no *ISEB (Instituto Superior de Estudos Brasileiros)* e também nas universidades americana *Harvard, Stanford* e no *MIT (Instituto de Tecnologia de Massachusetts)*. Os dois concorrentes não conseguiram os 19 votos necessários para ganhar no primeiro turno e se enfrentaram num segundo, onde Paulo Coelho o venceu por 22 votos a 15.

No dia 28 de outubro de 2002, aconteceu na sede da Academia Brasileira de Letras no Rio de Janeiro, a solenidade de posse, na qual Paulo Coelho proferiu seu discurso.

### 3.1 ANÁLISE DO DISCURSO DE POSSE

Seguem abaixo alguns trechos retirados do discurso feito pelo autor no dia de sua posse na Academia Brasileira de Letras.

*SIC TRANSIT GLORIA MUNDI. Dessa maneira, São Paulo define a condição humana em uma de suas epístolas: a glória do mundo é transitória. E, mesmo sabendo disso, o homem sempre parte em busca do reconhecimento pelo seu trabalho. Por quê? Um dos maiores poetas brasileiros, Vinícius de Moraes, diz em uma de suas letras de música:*

*‘E, no entanto é preciso cantar  
mais que nunca é preciso cantar’.*

*Vinícius de Moraes é brilhante nestas frases. Lembrando Gertrud Stein, no seu poema “Uma rosa é uma rosa, é uma rosa”, apenas diz que é preciso cantar. [...] O que existe nessa estrada?*

*Que força é essa que nos empurra para longe do conforto daquilo que é familiar, e nos faz enfrentar desafios, mesmo sabendo que a glória do mundo é transitória? Creio que esse impulso se chama: a busca do sentido da vida. [...] E aí o amor é entendido como algo mais amplo do que o simples ato de gostar. Martin Luther King lembrava que os gregos possuem três palavras para designar esse sentimento: a primeira é Eros, o amor saudável e necessário entre dois seres humanos, que se busca, se encontram, ou se desencontram. A segunda palavra é Philos, a paixão que nos empurra ao encontro da sabedoria, dos amigos, da filosofia, dos legados que nos deixaram as gerações anteriores. Finalmente existe a palavra Ágape, o amor maior, aquele a que - como bem lembra Martin Luther King - Jesus se referia quando disse: “Amai vossos inimigos” [...] Em 1986, quando fazia o Caminho de Santiago em busca de uma espada, a mesma espada que daqui a pouco me será de novo entregue, simbolicamente, pelo acadêmico Josué Montello, eu compreendi pela primeira vez o sentido dessa expressão.*

*O Bom Combate é aquele travado porque o nosso coração pede. Nas épocas heróicas, no tempo dos cavaleiros andantes, isso era fácil, havia muita terra para conquistar e muita coisa para fazer. Hoje, porém, o mundo mudou, e o Bom Combate veio dos campos de batalha para dentro de nós mesmos. [...] Dizemos que nossos sonhos eram infantis, difíceis de realizar, ou frutos de nosso desconhecimento das realidades da vida. Matamos nossos sonhos porque temos medo de combater o Bom Combate.*

Analisando o discurso de posse de Paulo Coelho, encontramos várias características presentes do gênero auto-ajuda. Começamos pelo uso do discurso religioso, que se faz presente logo no primeiro parágrafo. Ao utilizar a epístola de São Paulo, Paulo Coelho quer trazer algo mais presente na vida das pessoas, sendo que religião é algo que todos têm contato constante pela busca da mudança do indivíduo. O autor segue a linha religiosa tentando atingir todos os credos, seja ele católico, protestante, espírita, entre outros, trazendo

para a sua fala credibilidade, uma vez que Deus representa uma autoridade maior e inquestionável.

Menciona, ainda, nomes renomados nas sociedades brasileira e mundial como Vinícius de Moraes (nascido no Rio de Janeiro em 19 de outubro de 1913, foi jornalista, escritor, compositor, intérprete, advogado e diplomata. Conhecido pela sua vasta obra na literatura brasileira, passando ainda pelo teatro, cinema e música, autor de grandes obras como *Poemas, Sonetos e Baladas; Antologia Poética; Livro dos Sonetos; Para Viver um Grande Amor*, dentre outros. Destacou-se também na música popular brasileira num movimento que convencionou chamar-se Bossa Nova, entre suas principais composições estão *Água de Beber; Brigas Nunca Mais; Ela é Carioca; Chega de Saudade* e *Garota de Ipanema*, estas citadas, todas feitas em parceria com Tom Jobim). Gertrud Stein (nascida na Pensilvânia em 03 de fevereiro de 1874, Gertrud foi uma grande escritora americana, considerada a responsável pelo desenvolvimento da arte moderna e literatura na França, local onde passou a maior parte da sua vida. Parte de sua fama provém de uma galeria de arte que foi criada por ela e seu irmão, Leo Stein, onde expunham obras de pintores consagrados como Henri Manguin, Pierre Bonnard, Pablo Picasso, Paul Cézanne, Pierre-Auguste Renoir, Honoré Daumier, Henri Matisse e Henri de Toulouse-Lautrec). E Josué Montello (nascido na cidade de São Luís no dia 21 de agosto de 1917, professor, historiador, romancista, cronista, ensaísta, teatrólogo e memorialista, Montello foi membro do *Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, da *Academia Maranhense de Letras* e do *Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão*, membro também da *Academia Internacional da Cultura Portuguesa de Lisboa*, da *Association Internationale des Critiques Littéraires* (de Paris), além da *Academia Brasileira de Letras*, eleito para a cadeira de número 29 em 4 de novembro de 1954). Ao utilizar esses nomes Coelho transmite uma grande “bagagem” cultural, aparentando ser uma pessoa culta e de vasto conhecimento em diversas áreas: científica, filosófica, cultural etc. Porém, o público a quem destina suas obras correspondem a uma parcela da população que não possui este nível de conhecimento, já que se trata de uma literatura de massa. Assim, ele utiliza nomes consagrados como “argumentos de prestígio que utilizam atos ou pessoas como meio de prova a favor de uma tese” (OLIVEIRA, 2006, p. 11).

Notamos, também, neste discurso, o uso do cronotopo da soleira<sup>2</sup> que está associado à transformação do indivíduo, que decorre de uma crise, mas ainda possui o poder de escolha, através do desejo de mudança ou medo de ultrapassar o limiar. O cronotopo da soleira dialoga com o nosso objeto de estudo, o discurso da auto-ajuda, que coloca o indivíduo como o único responsável pelas escolhas e decisões de sua vida, numa sensação de transformação iminente.

No discurso de posse de Paulo Coelho aparecem palavras em latim utilizadas por Martin Luther King: *Ethos*, *Ágape* e *Philos*. Em sua significação original, *Ethos* corresponde à morada ou abrigo de animais; em sua transposição para o universo humano é visto pela forma em que o homem trata a estabilidade de sua habitação referindo-se tanto a seus vínculos mais íntimos, como ao mundo de uma maneira geral. Possui dois aspectos inseparáveis: a dimensão da vida individual, com costumes e hábitos privados e a dimensão da vida coletiva, constituída pelos costumes e hábitos que regem a comunidade. Trazendo *Ethos* para a tipologia do discurso de auto-ajuda podemos relacioná-la aos livros que têm como temas a educação, a saúde e os negócios. Assim, podemos classificá-lo como um dos pilares deste discurso, representado respectivamente a sua visão política em relação aos outros, a busca pelo bem estar físico e o sucesso financeiro.

A segunda palavra, *Ágape* significa altruísmo, generosidade. Relacionando-a com a realidade do indivíduo o termo liga-se ao amor benevolente, vinculado ao desejo de fazer bem ao próximo, a dedicação ao outro vem sempre antes do próprio interesse. No âmbito religioso, *Ágape* traduz-se como caridade, uma das principais virtudes do ser humano. Relacionando a palavra com a literatura de auto-ajuda ligamo-la aos temas relacionados à vida conjugal e relações interpessoais e interligando-os, temos a busca por um amor de si com a sociedade e com o próximo.

A última das palavras é *Philos*, que significa amizade. *Philos* é tratado na auto-ajuda como o autoconhecimento e a busca da felicidade de uma forma racional, onde o ser humano que recorre a esse gênero fique apto a se conhecer e alcançar a felicidade de uma forma em que não atinjam os outros.

---

<sup>2</sup> De acordo com Bakhtin, cronotopo é onde os acontecimentos do enredo se concretizam, ganham corpo e enche-se de sangue. Pode-se relatar informar o fato, além disso, podem-se dar indicações precisas sobre o lugar e o tempo de sua realização (1933, p. 355).

Com a utilização de *Ethos*, *Ágape* e *Philos*, Paulo Coelho coloca o homem na temática da auto-ajuda nos dias de hoje, como um ser global, total, com todas as suas funções interligadas.

Nesse sentido, o discurso de posse analisado se insere perfeitamente ao gênero auto-ajuda, pois adquire forma de agente suficientemente capaz de redesenhar o indivíduo, traçando caminhos possíveis para acalmar as ansiedades, amortecer as dores e dar o sentido e direção à vida.

## 4 O DISCURSO DA AUTO-AJUDA

1. *Auto-ajuda. [De aut (o) + ajuda] S.f. Método de aprimoramento pessoal em que o indivíduo pretende buscar, sem ajuda de outrem, soluções para problemas emocionais, superação de dificuldades, etc. (Novo Aurélio, p.234)*

2. 1 - *Prática que consiste em fazer uso dos próprios recursos mentais e morais para alcançar objetivos de ordem prática ou resolver dificuldades de âmbito psicológico. 2 – Ato de realizar a auto-ajuda. 3 – Conjunto de informações, orientações, conselhos que visam possibilitar essa prática. (Houaiss, p. 348).*

A preocupação com o bem-estar individual e o sucesso, tanto pessoal quanto profissional, associado a uma sociedade moderna e que valoriza as expectativas sociais, aponta para uma alteração no que se busca como literatura, e também nos temas encontrados dentro das mesmas. O discurso, principalmente o de auto-ajuda deixa de ser apenas considerado uma literatura e passa a ser considerado como um recurso para que o indivíduo se sinta seguro. Entre os temas desse tipo de discurso encontramos diversos, religiosidade, sucesso, amor etc.

### 4.1 CONTEXTO HISTÓRICO

O discurso de auto-ajuda teve início com a publicação de Samuel Smiles<sup>3</sup>, em 1859, intitulada *Self-help*, publicado em mais de oito línguas e com várias edições e reimpressões em um mesmo século. Nos Estados Unidos, pode ser considerado um dos livros mais vendidos no período correspondente. Para o autor, o objetivo do livro era formar um indivíduo com bom caráter, ou seja, o principal conceito não é a realização, prazer ou satisfação de seus desejos.

A idéia de Smiles surgiu quando o trabalho assalariado expandiu e perdeu seu sentido original, pois deixou de ser uma forma de vida e passou a ser visto exclusivamente em função do lucro e do resultado, de modo que, esteja bem ou mal acabado, isso pouco importa (RUDIGER apud MARTELLI, 2004, p. 219). Assim, para que o indivíduo se volte para o bem e progrida moralmente, existe somente uma saída: a auto-ajuda.

---

<sup>3</sup> Samuel Smiles (1812-1904) nasceu em Washington, Escócia, foi escritor e reformador britânico. Seus livros são conhecidos por ressaltar as características da auto-ajuda e biografias.

*A preocupação não seria mais com o dever, mas o cultivo da personalidade. [...] Sem negar a importância do caráter, o que se enfatiza é a noção de autoconfiança, o desenvolvimento da personalidade. Preocupados com a maneira de viver, num momento em que as normas comuns perdem a legitimidade, em que a solução dos problemas pessoais não se encontra mais na disciplina teológica, a pergunta que cada um deveria fazer a si mesmo é: como eu devo viver? (MARTELLI, 2004, p. 221).*

Nesta perspectiva, a literatura de auto-ajuda foi o meio de resgatar um indivíduo consumista, que trabalhava somente para fazer ou quitar dívidas, perdendo a noção de caráter e moralidade. E, ao lado desse desenvolvimento de uma nova literatura, acreditava-se que a sociedade estava passando por um período de transição e as pessoas se preparando para uma era do “você pode”, mas com um vazio moral e intelectual, pois o que era necessário era reconstruir os pilares morais da personalidade.

Com o passar dos anos, o conceito de auto-ajuda sofreu diversas alterações, pois além de um tipo de discurso e literatura, passou a ser uma tendência de comportamento. Seu objetivo deixou de ser a formação do caráter, passando a ser a mudança espiritual e psicológica em que o indivíduo obtivesse sucesso e realização pessoal.

*[...] O objetivo dos novos pregadores do sucesso tornou-se obtenção de autodomínio. Passou-se a supor que, por meio do controle do eu, o indivíduo poderia dominar e, em larga medida, determinar seu ambiente externo. Aos novos pensadores era colocada a tarefa de ensinar ao indivíduo a andar sobre seus próprios pés, a trabalhar por sua própria salvação, a desenvolver todas as forças latentes que tiver dentro de si, a afirmar seu espírito e individualidade própria, e a ser forte, elemente e bondoso. (MARTELLI, 2004, p. 225).*

Atualmente, esse tipo de discurso tem se difundido de maneira relevante em virtude das mudanças de valores presentes na sociedade moderna. Essa difusão está relacionada com a diminuição da autonomia dos indivíduos e do aumento do poder em que os mais favorecidos têm sobre os desfavorecidos – respectivamente classe alta e classe média e baixa. Nesse sentido, o discurso de auto-ajuda se constitui, pois sustenta a idéia de que o indivíduo pode melhorar de vida, alcançar o sucesso, ganhar dinheiro, enfim, toda essa crença que se faz em torno da realização dos sonhos e desejos de cada um. A auto-ajuda hoje é um instrumento a mais para ajudar o ser humano a retomar seu poder de força sobre si e sobre certas situações do cotidiano.

Então, hoje, o principal objetivo da literatura de auto-ajuda não é desenvolver a personalidade do ser humano, mas de também dar “dicas” de como o indivíduo pode atingir o



sucesso em todos os aspectos de sua vida, como por exemplo, sucesso profissional, amoroso, financeiro, familiar, entre outros.

#### 4.2 PÚBLICO-ALVO

Apesar de considerada uma literatura de massa, a auto-ajuda abrange, principalmente, um público específico: os que passam por conflitos pessoais, profissionais e psicológicos. O leitor, ao recorrer a esse tipo de discurso, encontra uma espécie de porto-seguro, um contraponto para a insegurança que o caracteriza.

Atualmente, uma das principais causas que faz o indivíduo buscar este tipo de discurso é sua infelicidade e insatisfação com o meio em que se encontra. Podemos dizer que a sociedade hoje tem os parâmetros em que *ter* é mais importante que *ser*. Ter um corpo perfeito, ser bonito, ter o carro do ano, andar na moda, entre outros, são contextos em que o indivíduo precisa se inserir para ser aceito de forma positiva na sociedade. Quando isso não ocorre, este se sente inferiorizado e necessitado de algo que lhe conforte, podendo ser uma delas, recorrer à auto-ajuda.

#### 4.3 CARACTERÍSTICAS

A literatura de auto-ajuda possui características bem marcantes e definidas, assim como qualquer outro tipo de discurso. Trata-se de um gênero discursivo, o gênero auto-ajuda.

A primeira característica desse discurso é a presença de termos, palavras ou expressões de otimismo, que abrangem os seguintes léxicos: sucesso, felicidade, paixão, riqueza, dinheiro, bens, alegria, realização etc. Uma das principais é a palavra *poder*, que, de acordo com Brunelli (2004) tem seu significado apoiado na idéia de que cada indivíduo tem o *poder* de atrair coisas boas ou ruins, de acordo com a atitude mental e que, portanto, pode também alterar aspectos da vida dos que não estão satisfeitos. O discurso de auto-ajuda é baseado em uma *pregação*, porque prega que os leitores acreditem no próprio potencial para mudar de vida, como uma condição para que esses desejos sejam realizados.

Há também a presença de um *discurso messiânico*, capaz de inverter a situação em que o indivíduo se encontra, apresentando os modos de fazer, agir e proceder diante e com pessoas bem-sucedidas, fazendo parecer que o sucesso pessoal é construído a partir de um discurso, um discurso que garanta o topo, o ápice. Nesse caso, as palavras que se fazem mais presentes são: transformação, realização, desejo, anseio, mudança e descoberta.

É no discurso da auto-ajuda que podemos observar o uso de jogos de palavras, trocadilhos e frases feitas, o que faz dos argumentos persuasivos e convincentes, que se fazem presentes nos livros, “o emprego de argumentos mais populares e acessíveis que possuem uma sustentação mais efetiva são recorrentes na auto-ajuda” (OLIVEIRA, 2006, p. 26). É nesse aspecto que a literatura de auto-ajuda se assemelha ao que chamamos, na língua portuguesa, de provérbios, pois, seus argumentos se assemelham com aconselhamentos. São utilizados também para dar um efeito de sentido maior, tendo em vista a crença da população nos provérbios, ou seja, o argumento é mais convincente e mais confiável. Assim, a literatura de auto-ajuda oferece, aos leitores, uma ilusão da possibilidade de enquadramento aos modelos que se deseja alcançar, por meio de argumentos que se baseiam em qualquer tipo de discurso, em que o principal objetivo é alcançar e fazer refletir o leitor.

Notam-se os usos de expressões que fazem com que o indivíduo se sinta seguro, capaz de seguir adiante em sua busca pelo sucesso: *Você precisa crer, precisa ter a certeza, ter pensamento positivo, ninguém irá vencer se não acreditar*. E é esse o principal objetivo da literatura de auto-ajuda: *acredite em você, pois você é capaz!*

“Através dos textos de auto-ajuda, pressupõe um sujeito apegado a imagens e que rejeita, de certa forma, a linguagem verbal” (OLIVEIRA, 2006, p. 27). O uso que se faz de imagens em livros de auto-ajuda é persuasivo, com o objetivo de seduzir o leitor e para que ele possa ver que se seguir tudo da maneira correta, alcançará o que almeja.

Os enunciados de auto-ajuda, assim como todos os outros de outros discursos, possuem um começo e um fim. “Um enunciado é encerrado para permitir uma resposta do interlocutor, o que é determinado por Bakhtin de ‘compreensão responsiva ativa do outro’” (OLIVEIRA, 2006, p.113). Assim, essa recíproca é característica essencial dos enunciados de auto-ajuda, uma vez que eles só fazem sentido se houver uma contra-palavra, ou seja, outro que amplie e confirme o que se disse, pois esses enunciados veiculam os valores de uma sociedade, fazendo com que o que se diz seja reflexo de outros enunciados já existentes.

## 5 PERSPECTIVA TEÓRICA

Partindo da linguagem como objeto de um contexto histórico-social, e assim compreendida, os pressupostos bakhtinianos vêm em auxílio para a análise do discurso nas obras de Paulo Coelho.

Dessa forma, embasaremos esta análise a partir do seguinte conceito do teórico: “as palavras são tecidas a partir de uma multidão de fios ideológicos e servem de trama a todas as relações sociais em todos os domínios”. (BAKHTIN; VOLOGHINOV, 1992, p. 41).

O ato da fala, ou mais precisamente, a enunciação, não pode ser considerado apenas em relação às características psicológicas do produtor, pois além da importância da natureza social em que está inserido, deve ser considerado seu conhecimento de mundo, além do modo de interpretação da realidade, suas relações com a sociedade, bem como os fatos históricos.

Dessa maneira, um discurso não pode ser considerado como algo totalmente novo. A relação estabelecida para a produção, é uma soma de todos os aspectos da vida do produtor. Fazemos uso do discurso do outro para embasar o que podemos, após a produção, chamarmos de nosso.

Assim, “o fato de que há um já-dito que sustenta a possibilidade mesma de todo dizer, é fundamental para se compreender o funcionamento do discurso” (ORLANDI, 1999, p. 32). Pela perspectiva bakhtiniana, discurso é definido como o resultado das relações entre os indivíduos de uma maneira inacabada, onde, os sentidos e os conhecimentos do produtor se conflitam com o mundo, produzindo o novo. Além dos múltiplos diálogos, que funcionam como um mecanismo para a produção, pois a linguagem permeia todos os âmbitos que interligam o indivíduo e o mundo.

Essa “relação entre o já-dito e o que se está dizendo que é a que existe entre o interdiscurso e o intradiscurso” (ORLANDI, 1999, p. 32). Considerando o interdiscurso como um conhecimento resultante do que o indivíduo recebe e assimila do mundo, podemos colocar como tópico relevante, a esse conceito, a memória discursiva. Ao retomar o que foi dito por um sujeito específico, em dado momento e que fora apagado na memória, o sujeito toma esse discurso como seu. Ao esquecer, o discurso fica em anonimato e, assim, passa a ser utilizado por um outro sujeito.

Relacionado ao conceito anterior, temos o intradiscurso, que pode ser considerado como a união do conhecimento prévio do sujeito com o dado novo que recebe. É a concretização da memória discursiva individual com o que acontece em determinado momento. Em conseqüência, é o discurso que o indivíduo produz partindo do que recorre à memória, tomando-o como seu e novo, uma outra maneira, podemos até dizer camuflada, de apresentar o que o sujeito acredita ser um novo discurso. [...] É assim que sentidos e sujeitos estão sempre em movimento, significando sempre de muitas e variadas maneiras. Sempre as mesmas, mas ao mesmo tempo, sempre outras (ORLANDI, 1999, p.36).

Considerando que o discurso é constituído por palavras e essas por organismos vivos, os seus sentidos não são relacionados apenas com “a exterioridade, nas condições em que eles são relacionados e que não dependem só das intenções dos ‘sujeitos’ (ORLANDI, 1999, p. 30). Em outras palavras e de acordo com Bakhtin, é como se a língua vivesse e evoluísse historicamente, em relação à comunicação social concreta, dentro de um período e contexto histórico de sua produção.

Um outro conceito que se faz presente na concepção de discurso, é o dialogismo:

*O dialogismo é o permanente diálogo entre os diversos recursos que configuram uma sociedade, uma comunidade e uma cultura. A linguagem é, portanto, essencialmente dialógica e complexa, pois nela imprimem historicamente e pelo uso as relações dialógicas dos discursos (MARQUES, 2001, p.5).*

A relação de diálogo entre os leitores e o que lhes é oferecido dentro de uma produção literária, se estabelece de modo a assemelhar-se a uma conversa, um diálogo entre conhecidos de uma maneira sutil e discreta. É a interação tanto na escrita como na leitura, faz com que o texto não seja visto de modo isolado, mas em relação a outros discursos. São essas relações das vozes, do locutor e do interlocutor, que estabelecem o sentido e, dessa maneira, o produtor também pode mostrar sua inventabilidade, algo novo e irreprodutível do sujeito falante. É a transformação universal com um toque de individualidade:

*Toda enunciação, mesmo produzida sem uma presença de um destinatário, é, de fato, marcada por uma interatividade constitutiva (fala-se também de dialogismo), é uma troca, explícita ou implícita, com outros enunciadores, virtuais ou reais, e supõe sempre a presença de uma outra instância de enunciação à qual se dirige ao enunciator e com relação à qual constrói seu próprio discurso. (BAKHTIN; VOLOCHINOV, 2002, p. 98)*

O dialogismo é, portanto, uma interação estabelecida entre o locutor, interlocutor e mundo. Assim, o texto não deve ser visto de forma isolada, porque para sua construção é necessária a assimilação do mundo à sua volta, e justamente por isso, deve correlacionar-se com outros discursos.

Partindo do estudo de discurso, não podemos fugir do estudo de enunciado e seus três elementos básicos de produção. Na perspectiva bakhtiniana:

*O enunciado sempre cria algo que, antes dele, não existia, algo novo e irreproduzível, algo que está relacionado com um valor [...] Entretanto, qualquer coisa criada se cria sempre a partir de uma coisa dada [...] O dado se transfigura no criado (BAKHTIN, 1992, p. 348).*

O enunciado é produzido por um único sujeito, mas ao mesmo tempo, por outros interlocutores. Assim, intrinsecamente, o enunciado é a realização individual produzida pela interação, estabelecendo fronteiras entre ambos, abrindo e encerrando a participação do sujeito. A reciprocidade e a contra-palavra são características fundamentais para concepção de enunciados.

Os três elementos que o constituem são: a temática, o estilo verbal e a estrutura composicional. Estes explicam as formas da construção discursiva do enunciado:

*A enunciação do narrador tendo integrado na sua composição uma outra enunciação, elabora regras sintáticas, estilísticas e composicionais para assimilá-la parcialmente, para associá-la à sua própria unidade sintática, estilística e composicional, embora observando, pelo menos sob uma forma rudimentar, a autonomia primitiva do discurso de outrem, sem o que ele não poderia ser completamente apreendido (BAKHTIN, 2002, p. 145).*

O primeiro deles, a temática, que tem um sentido definido e uma significação unitária. O tema é definido por uma situação histórica, formas lingüísticas diferenciadas, verbais ou não, que se adaptam às condições de cada momento de evolução do indivíduo, articulando a posição do sujeito, tempo e espaço em determinada situação.

O outro elemento, o estilo verbal, pode ser relacionado ao aspecto individual do produtor, mesmo que sem sempre essa particularização não apareça em trechos padrões da escrita.

O terceiro e último elemento é a estrutura composicional, que corresponde à construção, o modo como o autor estrutura seus enunciados. “Os três elementos constituintes do enunciado possibilitam observar, em seu bojo, o discurso do outro, porque toda

composição enunciativa se processa pelo caráter dialógico da língua” (OLIVEIRA, 2006, p.115).

Desta forma, os três elementos constituintes do enunciado interligam e entrelaçam o caráter que se pretende dar ao texto. E, a partir desses três elementos, que podemos definir as características do discurso do outro.

O último tópico a se tratar, nas discussões sobre o discurso, é o cronotopo, pois o tempo e espaço são essenciais para a realização do discurso. É no cronotopo que os principais conhecimentos se fazem presentes, ganham corpo e indicam todas as informações necessárias para a recepção dos textos. Aqui para a personagem, é o início da busca pela mudança de sua vida, e a partir dele se dá todo o desenrolar da narrativa. Eles são os centros organizadores dos principais acontecimentos temáticos do romance. É no cronotopo que os nós do enredo são feito e desfeito. Pode-se dizer francamente que a eles pertencem o significado principal gerador do enredo (BAKHTIN; VOLOSHINOV, 1993, p. 355).

Enfim, o cronotopo pode ser considerado como elemento fundamental na narrativa, pois é nele que ocorre o limiar dos acontecimentos, a problematização, os conflitos e solução entre as personagens.

Os pressupostos apresentados, neste capítulo, são as bases formadoras para a análise do *corpus* do trabalho. A partir deles ressaltamos também as características presentes no gênero auto-ajuda que ocorrem nas obras escolhidas.

## 6 ANÁLISES DAS OBRAS

Para a análise do discurso de auto-ajuda, em Paulo Coelho, escolhemos quatro obras, a primeira e a última publicadas, o primeiro livro antes do seu ingresso *Academia Brasileira de Letras*, e outro livro publicado após: *O Diário de um Mago*, *O Alquimista*, *Onze Minutos* e *A Bruxa de Portobello*. Assim, exporemos as características do gênero auto-ajuda em cada obra, tentando demonstrar e comprovar a mudança que o autor tem em sua obra literária, relativamente ao discurso da auto-ajuda, no decorrer de um tempo e espaço.

### 6.1 O DIÁRIO DE UM MAGO E O DISCURSO DA AUTO-AJUDA

Publicado em 1987, o livro *O Diário de um Mago* é considerado pelo autor sua primeira obra. É narrado em primeira pessoa e a sucessão dos fatos acontece cronologicamente. Trata-se de uma descrição minuciosa da viagem do protagonista pelo Caminho de Santiago de Compostela, rota de peregrinação entre a França e a Espanha onde, segundo uma tradição medieval, estariam sepultados os restos mortais do apóstolo Thiago, um dos preferidos de Cristo.

O narrador, protagonista da história, inicia a aventura pela busca de sua Espada, símbolo que o nomearia mestre e cavaleiro da Ordem de R.A.M. – REGNUS, AGNUS E MUNDI, respectivamente Rigor, Amor e Misericórdia, onde aprendeu também com seu guia espiritual, Petrus, que o conduziu por todo o Caminho. Deveria mais que buscar sua espada, aprender os princípios que rege a vida. Nesta Caminhada, também é relatada a busca de autoconhecimento, que foi adquirido, de acordo com que os rituais de R.A.M., ensinados por Petrus, aconteciam.

O texto traz uma linguagem simples, de fácil compreensão, ilustrada por metáforas que atendem aos leitores mais variados. Na obra intitulada *Os Dez Pecados de Paulo Coelho*, o jornalista e professor universitário, Eloésio Paulo ressalta que o relato de Paulo Coelho é construído “próximo da linguagem jornalística, com sintaxes diretas e vocabulário singelo, e pelos capítulos curtos, às vezes curtíssimos, entre os quais pequenos

saltos temporais são a máxima sofisticação narrativa da obra” (PAULO, 2001, p. 25). O livro não exige um conhecimento prévio do assunto, nem faz com que o leitor adquira algum vocabulário novo, sendo que não é necessário recorrer ao dicionário em nenhum momento. Frases feitas, compostas por uma linguagem coloquial dão um aspecto mais próximo ao comum, assemelhando aos aconselhamentos da auto-ajuda.

*Toda vez que um pensamento que você acha que lhe faz mal passar-lhe pela cabeça – ciúme, autopiedade, sofrimentos de amor, inveja, ódio, etc – proceder da seguinte maneira:*

*Cravar a unha do indicador na raiz da unha do polegar, até que a dor seja bem intensa [...] Só afrouxe a pressão quando o pensamento lhe sair da cabeça. Repita quantas vezes for necessário [...] Cada vez, o pensamento voltará mais espaçadamente, e sumirá por completo, desde que você não deixe de cravar a unha toda vez que ele voltar (COELHO, 2001, p.67).*

Construções como esta apresentada acima, nos vem de forma muito previsível, visto que Paulo Coelho trata de algo universal quando fala em sofrimentos de amor, inveja e ódio, sentimentos estes que podem aflorar em qualquer indivíduo, fazendo como que seu leitor crie uma identificação com a obra.

Outra característica da linguagem é o freqüente uso de termos e expressões místicas, palavras como mago, mestre, natureza, entre outros, que remetem ao poder:

*Pelo Poder e pelo Amor de RAM, eu te nomeio Mestre e Cavaleiro da Ordem, hoje e para o resto dos dias desta tua vida [...] Quando você tocar sua espada, que ela jamais fique muito tempo na bainha, porque há de enferrujar. Mas quando ela sair da bainha, que ela jamais volte sem antes haver feito um Bem, aberto um Caminho, ou bebido o sangue de um Inimigo [...] A partir daquele momento eu não precisava mais ficar em silêncio. Não precisava esconder aquilo do que era capaz, nem ocultar os prodígios que havia aprendido a realizar no caminho da Tradição. A partir daquele momento eu era um Mago (COELHO, 2001, p. 14-15).*

O trabalho realizado por Paulo Coelho com termos místicos, se transpõe para o irreal, com o intuito de encantar seu leitor, seduzindo-o de modo que se sinta participante da história.

Há um constante uso do discurso religioso, para determinar algo, o autor cita passagens e nomes bíblicos:

*[...] O brilho foi ficando cada vez mais intenso, e eu ouvi uma voz misteriosa, saindo da garganta do padre Jordi, falar:*

*- Aonde estiver teu tesouro, ali estará teu coração. Era uma frase da Bíblia. Mas a voz continuou:*

*- E onde estiver teu coração, ali estará o berço da Segunda Vinda de Cristo; como estas conchas, o peregrino na Rota Jacobea é apenas a casca. Rompendo-se a casca, que é de Vida, aparece a Vida, que é feita de Ágape (COELHO, 2001, p. 53).*



Esta abordagem é corriqueira no discurso de auto-ajuda, com intuito de persuadir e dar credibilidade ao leitor. Da mesma maneira, o autor faz uso de nomes tidos como de autoridades ao citar Carlos Magno, Marthin Luther King, Agatha Christie:

*Descobri como Agatha Christie escreve seus romances policiais – brinquei – Ela transforma a hipótese mais errada na hipótese certa. Ela deve ter conhecido o Exercício das Sombras (COELHO, 2001, p. 173).*

Por fim, o narrador compara sua peregrinação como um dos grandes feitos para a humanidade, ao colocá-la em igual importância a feitos como de Ulisses de Tróia, Dom Quixote D’Lamancha, Dante Orfeu e Cristovam Colombo. A peregrinação foi a descoberta de si próprio, uma das principais características da auto-ajuda: o auto-conhecimento.

*[...] Ainda que eu fale a língua dos homens e dos anjos; ainda que eu tenha o dom de profetizar e tenha fé ao ponto de transportar montes, se não tiver amor, nada serei.*

*Petrus vinha de novo com São Paulo. Para ele o Apóstolo era o grande intérprete oculto da mensagem de Cristo. Estávamos pescando naquela tarde depois de haver passado a manhã inteira caminhando. Nenhum peixe havia mordido a isca, mas meu guia não dava a menor importância para isto. Segundo ele, o exercício da pesca era mais ou menos um símbolo da relação do homem com o mundo: sabemos o que queremos e vamos atingir se insistirmos, mas o tempo para chegar ao objetivo depende da ajuda de Deus (COELHO, 2001, p. 111).*

Os rituais apresentados durante a obra, ensinados por Petrus, vêm assemelhar-se aos manuais de auto-ajuda, pois se trata de ensinamentos, passo a passo, de exercícios e técnicas para o autoconhecimento e bem estar.

#### *O EXERCÍCIO DA VELOCIDADE.*

*Caminhe durante vinte minutos, na metade da velocidade que você costuma andar. Preste atenção a todos os detalhes, pessoas, paisagens que estão a sua volta. A hora mais indicada pra esse exercício ser realizado é após o almoço. Repetir o exercício durante sete dias (COELHO, 2001, p.48).*

O uso do cronotopo se faz presente no momento em que o narrador abandona suas dúvidas, medos e indecisões para partir para a peregrinação. O cronotopo presente é o da *soleira*, “que associa a temática da crise e da mudança de vida. A categoria assume simultaneamente, dois direcionamentos: ou a decisão, a mudança, ou o medo de ultrapassar o limiar, valor este que gira a indecisão – o tempo é um instante que parece não ter duração” (BAKHTIN apud OLIVEIRA, 2006, p. 73).

*Eu aprendi o necessário sobre o Caminho de Santiago nos quinze dias que se seguiram ao incidente nas Agulhas Negras, mas tinha demorado quase sete meses para decidir largar tudo e fazer a viagem (COELHO, 2001, p.20).*

O cronotopo nos é apresentado de forma muito clara, visto que o autor se encontra no limiar de uma decisão que será o conflito principal da história: o momento em que ele decide fazer a rota de peregrinação de Santiago em busca de sua espada.

## 6.2 O ALQUIMISTA E O DISCURSO DA AUTO-AJUDA

O livro *O Alquimista*, publicado no ano de 1988, narra a história de um jovem pastor espanhol, Santiago, que após sonhar duas vezes com as pirâmides do Egito, sai em busca de esclarecer o seu significado. Procura uma cigana que diz que ele tem que buscar o seu tesouro no local indicado no sonho. Ao sair em busca desse tesouro, o pastor encontra várias dificuldades em seu caminho, porém todas elas servem para que o pastor consiga entender a si mesmo, antes de alcançar o seu tesouro. Nessa busca, o pastor é ajudado por diferentes pessoas, mas que nelas ele sempre tem a sensação de ser a mesma e em todas, ele encontra a característica de um rei que ele encontrara no início de sua busca. O tesouro só é alcançado quando o pastor consegue entender os sinais de Deus, reconhecer a Lenda Pessoal que cada um de nós precisa viver, e entender a misteriosa Alma do Mundo, onde qualquer pessoa pode penetrar se ouvir o próprio coração. No momento em que o pastor consegue descobrir a si mesmo e os mistérios que o rodeiam, ele descobre a alquimia do mundo. Assim, com essa descoberta, o pastor consegue chegar ao seu tesouro, que estava no local onde ele dormiu e sonhou com as pirâmides.

Nesta obra, encontramos uma linguagem simples, com um vocabulário de fácil compreensão de todos:

*O mundo novo aparecia na sua frente sob a forma de um mercado vazio, mas ele já via aquele mercado cheio de vida, e nunca mais ia se esquecer. Lembrou-se da espada – foi um preço caro contempla-la um pouco, mas também nunca tinha visto nada igual antes. Sentiu de repente que ele podia olhar o mundo como uma pobre vítima de um ladrão, ou como um aventureiro em busca de um tesouro. ‘Sou um aventureiro em busca de um tesouro’, pensou antes de cair no sono (COELHO, 2001, p. 73).*

No trecho anterior, notamos o uso da linguagem coloquial, sem grande aprimoramento gramatical, talvez essa seja uma estratégia para aproximar o leitor de seu

texto. Também encontramos, no trecho, a busca do tesouro, o sujeito como responsável de seu próprio destino.

Notamos ainda que a personagem principal da narrativa, o pastor, só tem o seu nome revelado no texto duas vezes, no início e no final do livro. E com o passar da narrativa, ele começa a ser tratado como *rapaz*, sempre em letra minúscula, e os demais personagens também não têm nomes próprios, são tratados sempre por alguma característica, por exemplo: comerciante, cigana, mercador, o inglês, o alquimista, entre outros. Podemos entender que o autor usa esse tipo de recurso para demonstrar que o personagem do livro, o pastor, pode ser identificado por qualquer pessoa que esteja lendo-o, essa é uma outra característica da obra de auto-ajuda, o leitor tem que se identificar com a história que ele está lendo. A única personagem que tem um nome específico é Fátima, a mulher por quem o pastor se apaixona no livro, o motivo desse uso é que a personagem é vista como um dos tesouros alcançados pelo pastor, assim significa que existe tesouro específico para cada pessoa.

*[...] quando era pequeno, o rapaz sempre tinha morrido de medo de ser raptado pelos ciganos, e este temor antigo voltou enquanto a velha segurava suas mãos. 'Mas existe a imagem do Sagrado Coração de Jesus', pensou ele, procurando ficar mais calmo. Não queria que sua mão começasse a tremer e a velha percebesse seu medo. Rezou um Pai-Nosso em silêncio (COELHO, 2001, p. 35-36).*

No trecho acima e durante a leitura, encontramos a utilização de temas, símbolos e costumes religiosos para a auto-afirmação do seu discurso. Um fato interessante de se observar também, é que o autor abrange várias religiões no seu texto, como, por exemplo, cita o Alcorão, símbolo do islamismo, a bíblia e a imagem do Sagrado Coração de Jesus, como símbolo do catolicismo, a imagem da cigana para simbolizar o paganismo, entre outros.

Na narrativa, Paulo Coelho também utiliza vários nomes para designar Deus, como por exemplo, Allah, Deus, o Profeta, a razão dessa miscigenação de religiões é a abrangência de qualquer tipo de clero, raças, etnias atendendo, assim, aos leitores mais variados.

*- Há vários homens e deuses diferentes no coração destes homens. Mas meu único Deus é Allah, e por ele eu juro que farei o possível e o melhor para vencer mais uma vez o deserto. Agora quero que cada um de vocês jure pelo Deus em que acredita, no fundo de seu coração, de que irá me obedecer em qualquer circunstância. No deserto, a desobediência significa a morte. Um murmúrio correu baixo por todas as pessoas. Estavam jurando em voz baixa diante de seu Deus. O rapaz jurou por Jesus Cristo. O inglês ficou em silêncio. O murmúrio se estendeu um tempo maior do que uma simples jura; as pessoas também estavam pedindo aos céus (COELHO, 2001, p. 109-110).*

Conforme apresentado acima, notamos as diferentes denominações de Deus, as várias religiões e até mesmo o paganismo tratados na obra, a fim de atingir um público numeroso, adeptos de diversas crenças.

Como conseqüência do intuito de Paulo Coelho em conseguir um grande número de leitores é a quantidade de livros traduzidos para outras línguas e o recorde de vendas de exemplares, algo comum nos livros do gênero de auto-ajuda. Neste ano de 2008, o autor entrou para o *Guinness Book* com o recorde do escritor do livro mais traduzido em todo o mundo, até hoje o livro *O Alquimista* tem cinquenta e três edições assinadas pelo autor, traduzidas em dezoito línguas, perfazendo um total de 30 milhões de cópias vendidas. (Guinness World Records, 2008).

Outra característica do discurso de auto-ajuda no livro é a colocação do indivíduo com o único responsável pelas escolhas e decisões de sua vida:

*A cidade também tinha um castelo, e ele resolveu subir a rampa de pedra e sentar-se numa de suas muradas. Lá de cima ele podia ver a África (...) 'Estou entre as ovelhas e o tesouro', pensava o rapaz. Tinha que decidir-se entre alguma coisa que havia se acostumado e alguma coisa que gostaria de ter (...) nada o impedia, exceto ele próprio. As ovelhas, a filha do comerciante, os campos de Andaluzia eram apenas os passos de sua Lenda Pessoal. (COELHO, 2001, p. 52).*

No trecho, além das características já citadas, apresenta-se, ainda, o cronotopo da soleira, exemplificado na ânsia da busca do tesouro, do desconhecido e o medo de abandonar o já conquistado. Fica evidente o discurso do incentivo à mudança. Para alcançar sua *Lenda Pessoal*, é preciso que o indivíduo saiba o que ele realmente quer e o que ele é de fato para ser merecedor de seu destino/tesouro.

Esse movimento de busca de algo perdido, de retorno a uma situação mais otimista, mais promissora, é de responsabilidade única e exclusivamente do indivíduo, só depende dele a mudança de sua vida, discurso esse abordado exaustivamente em todo o livro e também nos livros de auto-ajuda.

O termo *Lenda Pessoal* é encontrado em toda a obra com o mesmo significado de destino, futuro, pré-destinação, o objeto de desejo. Fazendo uma analogia com o discurso de posse de Paulo Coelho, na ABL, e o livro o *Diário de um Mago*, ambos anteriormente já analisados, podemos dizer que a *lenda pessoal* é a busca e a luta do *Bom Combate* o que “todos” têm que passar para alcançar o seu tesouro, seu autoconhecimento. Para chegar ao fim do caminho e conquistar, ou melhor, descobrir o que o sujeito é, tem que escolher entre o

certo e o errado, viver o presente, ter persistência e coragem, essas dicas, ou passo a passo são características do discurso de auto-ajuda.

Outra característica desse gênero, evidente na narrativa, é que o sujeito deve passar por dificuldades, obstáculos e que somente atingirá os seus tesouros se percorrer o caminho com dignidade e, principalmente, tiver alcançado o equilíbrio entre a natureza, homem/sociedade e desses consigo mesmo. Com isso, o homem se torna merecedor de seu tesouro e quando atende às solicitações do seu eu mais íntimo, quando há esse equilíbrio ocorre a alquimia do ser humano com a natureza, o homem deixa de ser comandado pelo meio e passa a ser o dono de seu próprio destino. Essa, além de ser uma característica da auto-ajuda, é a justificativa do título do livro.

[...] Cada um tem sua Lenda Pessoal, é verdade, mas um dia esta Lenda Pessoal será cumprida. Então é preciso transformar-se em algo melhor, e ter uma nova Lenda Pessoal, até que a Alma do Mundo seja realmente uma coisa só.

O sol ficou pensativo e resolveu brilhar mais forte. O vento, que estava gostando da conversa, soprou também mais forte, para que o Sol não cegasse o rapaz.

- Para isto existe a Alquimia – disse o rapaz. – Para que cada homem busque o seu tesouro, e o encontre, e depois queira ser melhor do que foi na sua vida anterior. O chumbo cumprirá seu papel até que o mundo não precise mais de chumbo; então ele terá que transformar-se em ouro.

‘Os alquimistas fazem isto. Mostram que, quando buscamos ser melhores do que somos, tudo em volta se torna melhor também (COELHO, 2001, p.182).

Na obra fica, clara a retomada do tema central de *O Diário de um Mago*, obra analisada anteriormente, personagem principal é dono de seu destino e tem que fazer uma longa viagem para conhecer a si mesmo e ser digno de seu tesouro. Assim, concluímos que Paulo Coelho simplesmente reorganiza esse conteúdo em locais, momentos e circunstâncias diferentes, porém com as mesmas concepções e sem nenhum aprofundamento psicológico.

### 6.3 ONZE MINUTOS E O DISCURSO DA AUTO-AJUDA

“Era uma vez uma prostituta chamada Maria...”.

É dessa forma que Paulo Coelho inicia a primeira obra após seu ingresso na *Academia Brasileira de Letras: Onze Minutos*. Narrativa que conta a história de uma jovem nascida no interior do nordeste brasileiro, que busca uma única coisa: ser feliz. E a tal felicidade já lhe é contornada desde muito pequena: encontrar o homem de sua vida, casar-se, ter filhos e morar numa linda casa. Porém, com a adolescência, vieram também as decepções

amorosas. Desiludida com o amor, descobre o poder que sua beleza exerce sobre os homens e passa a usá-la em seu favor, dessa forma, consegue juntar dinheiro suficiente para passar uma semana no Rio de Janeiro, onde conhece um rico empresário suíço que lhe faz promessas de transformá-la numa estrela na Europa, seduzindo-a com uma oferta de emprego.

Deslumbrada com tal proposta, Maria muda-se para Genebra, Suíça e descobre que tudo era uma farsa: tornou-se dançarina numa casa noturna que lhe conferia uma jornada de trabalho semi-escravo. Em pouco tempo, tornou-se prostituta e aceitou tal condição sem culpa, inclusive, para garantir que seus clientes ficassem satisfeitos e se tornassem fiéis a seus serviços, passou a estudar francês, ler sobre psicologia e psicanálise, além de livros direcionados a relacionamentos e técnicas sexuais. Amadureceu precocemente e se via cada vez mais distante de seu conceito de felicidade, tinha na prostituição a oportunidade de juntar dinheiro e comprar uma fazenda para seus pais, seu corpo era apenas a fonte de rendimento que a ajudaria em tal objetivo.

Por mais que tenha conhecido e estado com muitos homens, apenas dois lhe foram especiais, seu “cliente especial”, Terence, que lhe apresentou o prazer através da dor e da humilhação, mergulhando-a no mundo do sadismo e masoquismo, e Ralf Harter, pintor pelo qual se apaixonou, e teve o mesmo sentimento retribuído, nessa relação, encontrou a oportunidade de ser “salva” das práticas que vinculavam a dor ao prazer por meio do amor puro e verdadeiro, onde não era necessário possuir o outro.

Depois de um ano vivendo em Genebra, conseguiu dinheiro suficiente para seu retorno ao Brasil, mas vive o impasse de voltar pra sua terra da maneira como sempre imaginou, de forma “vitoriosa”, ou ficar com o homem de sua vida e viver o conto de fadas que sempre sonhara: casar, ter filhos e morar numa linda casa.

Houve uma grande expectativa no lançamento da obra, visto que foi a primeira lançada após o ingresso do autor em uma das mais importantes instituições intelectuais do país, porém, mais uma vez, Paulo Coelho não nos surpreende.

Lendo *Onze Minutos*, temos a impressão de que Paulo Coelho, agora membro efetivo da ABL, quis escrever uma grande história, como se a partir de então, não pudesse mais dar continuidade a seu antigo caminho da escrita despreziosa que o caracterizou em *O Diário de um Mago* e *O Alquimista*.

Em diversas entrevistas, como a concedida à revista *Veja* (2003) e também em seu próprio livro, Coelho comenta em relação a sua inspiração para escrever tal obra, que lhe

veio em 2000, durante uma sessão de autógrafos em Genebra, onde conheceu uma mulher que havia se prostituído em boates da cidade. Esse relato somado ao de outras moças que viveram histórias semelhantes, fez com que Coelho decidisse escrever sobre tais experiências, acrescentando claro, a ficção.

Um fato que nos chamou atenção foi a soma que Paulo Coelho nos oferece com essa obra, fazendo uso de ficção e auto-ajuda. São diversos os elementos desse gênero: como o uso de estereótipos de uma dita felicidade, mostrando contrapontos da vida da protagonista – o que ela tem e o que ela gostaria de ter – que vem inclusive a caracterizar a sociedade que será destinada essa obra, com um incessante conflito do “ter” em detrimento do “ser”:

*[...] Durante sua adolescência sonhara em encontrar o homem da sua vida (rico, bonito, inteligente), casar (vestida de noiva), ter dois filhos (que seriam famosos quando crescessem), viver em uma linda casa (com vista para o mar). Seu pai trabalhava como vendedor ambulante, sua mãe era costureira, sua cidade no interior do Brasil tinha apenas um cinema [...] Maria não deixava de esperar o dia em que seu príncipe encantado chegaria sem aviso, arrebataria seu coração, e partiria com ela para conquistar o mundo (COELHO, 2003 p.13).*

Outro fato marcante é o uso de “*Era uma vez*” para dar início ao livro, usado de forma a dar um estado de atemporalidade à narrativa, deixando, de forma implícita, que essa história poderia ser a de qualquer um, inclusive, a personalidade, os desejos e anseios da protagonista são apresentados de maneira a assemelhar-se com de qualquer jovem, fazendo com que seus leitores se identifiquem com a personagem.

Algo que nos despertou certa curiosidade foi em questão da escolha do nome da protagonista da história. Para nomear uma prostituta, tipo de mulher vista por uma sociedade conservadora como pecadora, o autor opta por Maria, nome diretamente relacionado ao catolicismo, vertente do cristianismo mais disseminado no mundo e que possui o maior número de adeptos no Brasil. E essa relação, de uma possível crítica por parte do autor, desejando mostrar-nos que o pecado está presente em todas as vertentes da vida, se faz presente principalmente quando, antes de começar sua narrativa, com “*Era uma vez uma prostituta chamada Maria...*” nos apresenta o *Hino à Ísis*, descoberto na cidade de Nag Hammadi, no Egito, além de uma passagem do Livro Bíblico de Lucas. Seguem trechos respectivos:

*Porque eu sou a primeira e a última / Eu sou a venerada e a desprezada / Eu sou a prostituta e a santa (COELHO, 2003 p. 7).*

*Apareceu certa mulher, conhecida na cidade como pecadora. [...] ‘se esse homem fosse mesmo um profeta, saberia que tipo de mulher está tocando nele, porque ela é pecadora. (COELHO, 2003 p. 11).*

Essa atitude do autor em escolher um nome bíblico para nomear uma prostituta nos vem de forma muito polêmica, visto que o catolicismo como já citado, é a religião mais seguida no mundo. A prostituta Maria, de Paulo Coelho, é apresentada como uma soma de Maria de Nazaré - mãe de Jesus, vista como um símbolo da maior pureza e exemplo de caráter e sensibilidade para mulheres das gerações seguintes - com a polêmica Maria Madalena - vista como a pecadora que ungiu os pés de Jesus, que inclusive, tem uma forte ligação de sua imagem com a prostituição, isso devido ao fato de estar no Livro de Lucas 8,2 a passagem em que cita seu nome dizendo que dela “havia saído sete demônios”. Essa questão de possuir demônios no cristianismo é associado ao pecado e no caso da mulher, o pecado liga-se ao ato sexual.

Talvez daí a intenção do autor em tratar o lado sagrado do sexo, intenção esta citada na própria obra, fazendo uma menção implícita que a relação do sexo ter deixado seu estado puro e alcançado um patamar profano e promíscuo, já vem ao longo da história da humanidade, desde os tempos bíblicos.

Paulo Coelho nos conta a história de Maria, por meio de um discurso regado à simplicidade, onde, como em suas obras anteriormente analisadas, não é necessário possuir um vasto conhecimento em questão de léxico. Faz uso durante a narrativa, de um diário, onde nossa protagonista escreve seus pensamentos relacionados ao sentido da vida, suas descobertas, medos, desejos. Atitude esta que vem a camuflar o uso do discurso da auto-ajuda:

*Quando nos encontramos com alguém e nos apaixonamos, temos a impressão de que todo o universo está de acordo [...] Entretanto, se algo dá errado, não sobra nada! [...] A vida é muito rápida; faz a gente ir do céu para o inferno em questão de segundos (COELHO, 2003, p. 19).*

Traz, também, através da voz de Maria, questionamentos típicos que a auto-ajuda se oferece para solucionar, questões corriqueiras que faz com que mais uma vez o leitor se identifique com a personagem, mostrando como agir, o que e de que forma buscar o que se deseja, pelos aconselhamentos e pelo uso que faz dos verbos:

*O que o mundo quer de mim? Que eu não corra meus riscos? Que volte de onde vim, sem coragem de dizer “sim” para a vida? [...] ninguém é dono de nada, tudo é uma ilusão [...] nada lhe pertence [...] é melhor aceitar os presentes que o mundo*



*oferece [...] melhor viver como se hoje fosse o primeiro (ou último) dia da minha vida (COELHO, 2003, p. 34).*

Assim como em *O Diário de um Mago* e *O Alquimista*, Paulo Coelho retoma a questão de que cada indivíduo tem sua missão a cumprir na terra, e que só buscando seu “tesouro pessoal”, terá forças para enfrentar o destino, lutar seu “bom combate”, uma das características mais evidentes dentro do discurso da auto-ajuda, cria inclusive um paradoxo, de forma a se contradizer, ora salientando que nada na vida do ser humano é coincidência, e sim providência e ora afirmando que cada indivíduo é o responsável pela sua vida, que tudo pode mudar a todo o momento, que depende de nossas escolhas:

*Os encontros mais importantes já foram combinados pelas almas antes mesmo que os corpos se vejam (COELHO, 2003, p. 135).*

*Posso escolher entre ser uma vítima do mundo, ou uma aventureira em busca do seu tesouro. Tudo é uma questão de como vou olhar minha vida (COELHO, 2003, p. 44).*

*Estou deixando que a vida decida por mim (COELHO, 2003, p. 66).*

*Estou aqui porque escolhi este destino [...] (COELHO, 2003, p. 52).*

Paulo Coelho, em determinado trecho, retoma seu maior sucesso publicado, *O Alquimista*, quando a protagonista diz que ainda no Brasil lera um livro que contava a história de um pastor que encontra inúmeras dificuldades em busca de seu tesouro, e estas foram as responsáveis em conseguir aquilo que desejava e se compara com tal situação.

Mais uma vez, Coelho faz uso de nomes bíblicos, usa também nomes de autoridade, de renome em nossa sociedade para mostrar-se um escritor culto e de vasto conhecimento em diversos âmbitos, além de mitologia grega:

*[...] Marquês de Sade dizia que as mais importantes experiências do homem são aquelas que o levam ao extremo. Só assim aprendemos, porque isso requer toda a nossa coragem (COELHO, 2003, p. 144).*

*A história dos santos estava cheia de exemplos – Santa Rosa corria pelo jardim, enquanto os espinhos feriam sua carne; São Domingos Loricatus chicoteava-se regularmente todas as noites antes de dormir (COELHO, 2003, p. 178).*

Esse uso objetiva uma maior consistência em seu texto, tudo como já afirmamos, para ter mais credibilidade para com seu leitor.

#### 6.4 A BRUXA DE PORTOBELLO E O DISCURSO DA AUTO-AJUDA

Publicado em 2006, o livro *A Bruxa de Portobello* reúne depoimentos sobre uma mulher, Sherine Khallil, mais conhecida por Athena, ou ainda como Hagia Sofia, a bruxa de Portobello. Estes depoimentos são de pessoas que passaram por sua vida relatando, a ponto de vista diferente e individual a vida da protagonista.

Athena, como é chamada por todos, era uma mulher em toda a sua multiplicidade, era filha, mãe dedicada, profissional exemplar e desiludida com o amor. Filha de ciganos foi adotada por um casal de libaneses e juntos moravam em Londres. Possuía uma vida normal, estudava e tinha uma boa condição financeira. Aos dezenove anos de idade, decide junto com Lukás-Jessen Peterssen, amigo de faculdade, ter um filho, que mais tarde viria se chamar Viorel.

A protagonista passa por diversas dificuldades em virtude de todas as mudanças que ocorreram em sua vida. Athena nunca desistiu de saber sua origem e após a decisão de sua mãe adotiva, de lhe contar tudo sobre a sua adoção, viaja para a Romênia e conhece Lilliana, sua mãe biológica. Uma personagem de grande importância no enredo é Edda, uma amiga com que fez nessa viagem e que é de grande importância na decisão de mudança de vida almejada pela protagonista.

Athena aprende e aplica ritual da dança, ensinado por um antigo vizinho que consiste em dançar de olhos fechados e sem direção, em seu trabalho e para um grupo. A esse ritual dá-se o nome de “A busca do Vértice”, que logo se difunde e Athena fica conhecida. A partir dessa difusão, por onde se reunia e por Athena enxergar a alma das pessoas durante o ritual, ela começa a ser chamada de A Bruxa de Portobello.

Para iniciar a análise da obra, vale comentar que se nota um crescimento em relação à escrita, de maneira que o vocabulário é composto de termos considerados mais complexos e elaborados. As estruturas e a paragrafação se fazem de maneira mais próxima à norma culta. Porém, em relação ao tema, o autor não apresenta novidades. O tema continua embasado em magias, mistérios, busca pela felicidade, sucesso, todos presentes no discurso místico sempre produzido pelo autor.

O enredo é construído em um tempo cronológico, com início em 1973 e término em 1994, período em que se passa a história. O autor, assim como em outros livros analisados anteriormente, inicia a história com um versículo bíblico, fazendo presente o discurso religioso também em quase toda a história.

O tipo de linguagem utilizada ainda pode ser considerado como simples, devido ao vocabulário que se usa, termos conhecidos, frases feitas, mas há presença mais marcante de torneios verbais e vocabulário mais elaborado: “Ninguém pode manipular ninguém. Em uma relação, os dois sabem o que estão fazendo, mesmo que um deles venha depois queixar-se que foi usado” (COELHO, 2006, p. 151).

No quarto depoimento do livro, há o relato de Lella Zainab, numeróloga, que explica mitologicamente o significado e numerologia do nome da protagonista, Athena. É feita uma descrição da personagem em relação a esses termos, o que faz o início do capítulo algo semelhante a horóscopo: “Athena? [...] Otimista, social, capaz de ser notada no meio de uma multidão. Pessoas devem se aproximar dela em busca de compreensão, compaixão e generosidade [...]” (COELHO, 2006, p. 23).

Como é relatado no início deste tópico, um dos rituais, considerado o principal e o forte do enredo, é ‘A busca do Vértice’, e o autor o faz parecer tão importante quanto essencial e necessário para a vida, pois como uma das personagens, Pavel Podbieski, “o vértice está escondido dentro de nós, e podemos chegar até ele se o aceitarmos, e se reconhecermos a sua luz” (COELHO, 2006, p. 63). E é, dessa maneira, que Athena busca um sentido para a vida. O ritual da dança também é caracterizado como de suma importância para entrar em contato consigo mesmo.

Para que o discurso de auto-ajuda cause o efeito pretendido, é necessário que haja primeiramente uma mudança e decisão do leitor. É como se entendêssemos que tudo depende exclusivamente e unicamente de uma decisão do leitor. Simples, porque basta mudar de atitude: não vou mais buscar a felicidade. A partir de agora sou independente, vejo a vida com os meus olhos e não com o de outros. Vou buscar a aventura de estar viva. (COELHO, 2006, p. 145).

Assim como nos manuais e nos outros livros analisados, Paulo Coelho nos dá dicas do ‘como fazer’, inicialmente conhecido como ‘how to do’, para alcançar um bem-estar, como em “Escute as batidas do seu coração, siga os pensamentos que não consegue controlar, controle a vontade de levantar-se [...] Fique sentada alguns minutos por dia sem fazer nada” (COELHO, 2006, p. 168). Somado ao como fazer e a decisão de mudança do leitor, o autor passa mensagens de autoconfiança como “Você é o que você acredita ser [...] que é amada, forte ou capaz” (COELHO, 2006, p. 169). Todos esses processos, de acordo com o autor, o ajudarão a preencher os espaços em branco de sua

vida, e isso só acontece quando você vai contra tudo aquilo com que você está acostumado, pois os indivíduos, segundo Paulo Coelho, estão acostumados a fazer tudo da maneira exata como deve ser feito.

Outra característica da auto-ajuda que se faz presente é a insatisfação com o que se tem ou não, e a falta que os mesmos podem fazer. Aquela sensação de que sempre falta alguma coisa a ser preenchida na vida, que apesar de todas as conquistas o vazio continua persistente.

*Podemos fingir que amamos. Podemos nos acostumar com o outro. Podemos viver uma vida inteira de amizade, cumplicidade, criar uma família, ter sexo todas as noites, ter orgasmo, e mesmo assim, sentir que há um vazio patético em tudo isso, que alguma coisa importante está faltando* (COELHO, 2006, p. 232).

Para finalizarmos a análise de *A Bruxa de Portobello*, é importante comentarmos o cronotopo que emerge na narrativa. O cronotopo é encontrado no momento em que Athena deixa de ser conhecida por todos os seus feitos, a não ser o das visões nos rituais. O momento em que há maior transformação em sua vida é o momento em que deixa de ser Athena, para se tornar a bruxa de Portobello, e ficar bastante conhecida. É dessa maneira que o autor toca o leitor, o fazendo refletir o ponto que o mesmo deve mudar e fazer diferença no mundo em que vive.

Não poderíamos deixar de comentar nesse tópico de análise, uma atitude muito interessante e particular de Paulo Coelho em usar em suas obras, passagens bíblicas do Evangelho de São Lucas. Essa questão nos pareceu um tanto curiosa, em questão de um único Evangelho ser citado em todas as obras analisadas:

*Então lhe disseram: Senhor, eis aqui duas espadas. E ele respondeu: Basta* (LUCAS 22,8 apud COELHO, 2001, p. 10).

*Tendo eles pelo caminho, entravam em um certo povoado. E certa mulher chamada Marta, hospedou-o na sua casa.*

*Tinha ela uma irmã, chamada Maria, que sentou-se aos pés do Senhor, e ficou ouvindo seus ensinamentos.*

*Marta agitava-se de um lado para o outro, ocupada em muitos serviços. Então aproximou-se de Jesus e disse:*

*- Senhor! Não te importas que eu fique a servir sozinha? Ordena a minha irmã que venha ajudar-me!*

*Respondeu-lhe o Senhor:*

*- Marta! Marta! Andas inquieta e te preocupas com muitas coisas.*

*‘Maria, entretanto, escolheu a melhor parte e essa não lhe será tirada’* (LUCAS 10, 38-43 apud COELHO, 2001, p. 11).

*Apareceu certa mulher, conhecida na cidade como pecadora. [...]’está vendo essa mulher? Quando entrei em sua casa, você não me ofereceu água para lavar-me os pés; ela porém, banhou meus pés com lágrimas, e os enxugou com os cabelos. [...] por isso eu declaro a você que os muitos pecados que ela cometeu estão perdoados, porque ela amou muito. Aquele que foi perdoado de pouco demonstra que pouco amou (LUCAS 7, 37-47 apud COELHO, 2003, p. 11-12).*

*Ninguém ascende uma lâmpada e a põe em lugar oculto ou debaixo da amassadeira, mas sobre um cadeeiro para iluminar os que entram (LUCAS 11,33 apud COELHO, 2006, p.9).*

Não poderia nos ocorrer outro motivo a não ser o fato de São Lucas ser o único apóstolo de Cristo com formação acadêmica, tendo estudado artes e ciências, em especial retórica e medicina. Por conta de sua sensibilidade e forte solidez em conhecimentos científicos e literários, fôra um dos discípulos mais solicitados, sendo o responsável pelo terceiro Evangelho e os Atos dos Apóstolos. Seus textos inclusive são considerados os mais ricos em termos de expressões literárias.

Tamanha importância do apóstolo na história do catolicismo e mesmo pelo seu vasto conhecimento, permite-nos a conclusão que, além de uma possível admiração por parte de Paulo Coelho, seria a comprovação de que é um autor com forte ligação com a religiosidade, além de ser possuidor de uma grande bagagem cultural.

## CONCLUSÃO

Este trabalho nos proporcionou responder as seguintes questões: O discurso da auto-ajuda se faz presente na Academia Brasileira de Letras? Paulo Coelho faz uso desse discurso, mesmo que mascarado, em suas obras?

As respostas para as questões foram encontradas partindo de pesquisas e leituras sobre a *Academia Brasileira de Letras*, o discurso da auto-ajuda, biografia do autor Paulo Coelho e de seus livros: *O Diário de um Mago*, *O Alquimista*, *Onze Minutos* e *A Bruxa de Portobello*. Estas obras foram escolhidas sistematicamente, de acordo com a entrada do autor na ABL, para assim ser verificado o modo como o autor escrevia e o modo como foram escritos os seus últimos livros.

Como embasamento complementar ao estudo do discurso da auto-ajuda, tomamos como leitura os textos para mestrado e doutorado, como Martelli e Oliveira, entre outros. O uso desses textos se fez de maneira positiva para a realização deste trabalho, pois foi através deles que conseguimos observar de maneira mais clara como o discurso da auto-ajuda está presente e está sendo estudado nos dias atuais perante uma sociedade.

A relação que o homem estabelece com o mundo em que vive, o modo como deseja viver e a busca pela felicidade e sucesso constante, são os principais fatores que fizeram essa literatura ganhar vida e se espalhar de maneira tão relevante. Partindo da idéia de que o homem do século XXI busca uma literatura que o ajude a enfrentar seus problemas, uma literatura que o preencha de maneira positiva e que o faça solucionador de seus problemas. O discurso da auto-ajuda vem de maneira simples, com soluções rápidas e práticas para alcançar seu público-alvo, fazendo-se necessária para a vida dos mesmos.

Assim, seus livros se tornam um dos mais procurados nas livrarias e conseqüentemente se encontra entre os mais vendidos no mercado literário. É nessa perspectiva que conseguimos encontrar uma justificativa para o ingresso de Paulo Coelho na ABL e respectivamente sua popularidade e sucesso em relação a esse tipo de discurso.

Paulo Coelho pode então ser considerado um escritor literário merecedor da cadeira 21 na Academia Brasileira de Letras? Se levarmos em consideração o histórico que a ABL possui em relação aos nomes consagrados que tomaram posse de cadeiras, tornamos a entrada do autor na mesma Academia, não como merecedor em escritor literário, mas sim, pela justificativa da sua vendagem, do seu sucesso e principalmente, pela sua popularidade.

Como embasamento teórico recorremos aos pressupostos de Bakhtin: discurso, interdiscurso, intradiscurso, enunciado e enunciação e cronotopo. Todos esses tópicos de fazem presentes nas obras analisadas e nos permitem entender o modo como o autor produz sentido em seus textos e alcança tamanho público. O autor parte do ponto de um discurso já dito, somente o mascara, muda a forma e o faz como seu, tendo em vista que a memória discursiva dos leitores os faz pecar quando acreditam que o autor é o produtor primário de todos os conceitos.

O ser humano deve buscar algo que tenha alguém ou algo como base fundadora para dar credibilidade ao que se lê. Busca uma linguagem de fácil entendimento e assimilação, próxima a si, motivadora, que mostre outros casos de sucesso e principalmente, que o faça refletir sobre o seu 'eu' e sua relação com o mundo, partindo do pressuposto de que todos têm um momento de escolha final para uma mudança de vida.

Tendo essa literatura como algo muito amplo a ser estudado, pois ela se faz como uma forte presença na vida das pessoas, observamos o quão relevante ela é no mercado literário e a maneira como ela vem ganhando espaço nas prateleiras e livrarias e na vida das pessoas. Assim, após diversas leituras e pesquisas, finalizamos nosso estudo de uma maneira positiva, acreditando que podemos acrescentar algo no estudo deste tipo de discurso: a auto-ajuda.

## REFERÊNCIAS

ALBANENSE R., *A marca do Coelho*, Revista Língua Portuguesa, 10. ed., data de agosto de 2006.

ARIAS, J. *Confissões de um peregrino – entrevista com Paulo Coelho*. Tradução de Regis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa. 5. ed. Rio de Janeiro: 1999.

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Tradução de Maria Ermantina Galvão Pereira. 8.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

\_\_\_\_\_. *Questões de literatura e estética*. Tradução de Aurora Fornoni Bernardini. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 1993.

BAKHTIN, M; VOLOCHINOV, V.N.. *Marxismo e filosofia da linguagem*. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 10. ed. São Paulo: Hucitec, 2002.

BOSCO, A. MARCOS. *Sucessos que não ocorrem por acaso: literaturas de auto-ajuda*. (Dissertação de Mestrado). Universidade Estadual de Campinas/Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, 2001.

BRUNELLI, A. Flora. *O sucesso está em suas mãos: análise do discurso de auto-ajuda*. (Dissertação de Doutorado). Universidade Estadual de Campinas/Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, 2004.

COELHO, P. *A bruxa de Portobello*. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

\_\_\_\_\_. *O alquimista*. 163. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

\_\_\_\_\_. *O diário de um mago*. 126. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

\_\_\_\_\_. *Onze minutos*. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

DICIONÁRIO ENCICLOPÉDICO ILUSTRADO VEJA LAROUSSE. São Paulo: Abril, 2006. Volume 1.

ENCICLOPÉDIA BARSA. Rio de Janeiro – São Paulo: Editora Encyclopædia Britannica do Brasil, 1995.

GUINNESS WORLD RECORDS. Tradução de Ana Carolina Mesquita e Gustavo Mesquita. Rio de Janeiro: Editora Ediouro, 2007.

HONOR R., *Paulo Coelho briga com a Warner*, Revista Isto É Gente, 309. ed., data de fevereiro de 2000.

MARTHE M., *De mago a sátiro*, Revista Veja, 1796. ed. Data de julho de 2003.



MARQUES, M. Celeste Marques. *Vozes Bakhtinianas: breve diálogo*. (Artigo publicado) Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, 2001

OLIVEIRA, S. F. P e. *Discurso, gênero e argumentação na auto-ajuda de Shinyashiki*. (Dissertação de Doutorado). Universidade Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Araraquara, 2006.

ORLANDI, E. P. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes, 1999.

PAULO, E. *Os 10 pecados de Paulo Coelho*. São Paulo: Horizonte, 2001.

Pesquisa sobre a *Academia Brasileira de Letras*.

Disponível em: <<http://www.academia.org.br/>>.

Acesso em: 26 abr. 2008.

CERCATO N. C. S., *Ethos e o discurso de auto-ajuda*.

Disponível em: <<http://www.inventario.ufba.br/03/d03/03ncercato.htm>>.

Acesso em: 12 ago. 2008.

Pesquisa sobre auto-ajuda.

Disponível em: <[http://www.crpsp.org.br/a\\_acerv/jornal\\_crp/126/frames/fr\\_sociedade.htm](http://www.crpsp.org.br/a_acerv/jornal_crp/126/frames/fr_sociedade.htm)>.

Acesso em: 12 ago. 2008.

Pesquisa sobre o apóstolo São Lucas.

Disponível em: <http://www.sca.org.br/biografias/Saolucas.pdf>

Acesso em: 25 set. 2008.

STAM, R. *Bakhtin da teoria literária à cultura de massa*. Tradução de Heloísa Jahn. São Paulo: Editora Ática, 2000.